

Carta a Melanie Klein (17 de novembro de 1952)

Donald Winnicott

A adesão a um grupo sectário é fatal para a constituição de um pensamento analítico, por mais criativo e original que seja o líder deste grupo. Com sua franqueza habitual, Winnicott toca aqui este ponto nevrálgico.

Cara Melanie,
Quero lhe escrever sobre o encontro na noite de sexta-feira¹, para tentar transformá-lo em algo construtivo.

A primeira coisa que tenho a dizer é que percebo como é irritante quando quero colocar em minhas próprias palavras algo que se desenvolve a partir da minha própria evolução a da minha experiência analítica. Isso é irritante porque suponho que todo mundo quer fazer a mesma coisa, e numa sociedade científica um de nossos objetivos é encontrar uma linguagem comum. Essa linguagem, porém, deve ser mantida viva, já que não há nada pior que uma linguagem morta.

Eu disse que o que estou fazendo é irritante, mas acho que também tem seu lado bom. Em primeiro lugar, não há muitas pessoas criativas na Sociedade, tenho

idéias pessoais e originais. Acho que qualquer um que tenha idéias é realmente bem-vindo, e sempre sinto que sou tolerado na Sociedade porque tenho idéias, embora meu método seja irritante.

Em segundo lugar, acho que em você há uma atitude equivalente ao meu desejo de dizer as coisas a meu modo, isto é, uma necessidade de que tudo o que é novo seja reafirmado nos seus próprios termos.

O que eu queria na sexta-feira era sem dúvida que houvesse algum movimento da sua parte para com o gesto que fiz naquele ensaio. Trata-se de um gesto criativo e não posso estabelecer relacionamento algum através desse gesto se ninguém vier ao meu encontro. Acho que eu queria algo que não tenho nenhum direito

Extraído de D.W. Winnicott, *O Gesto Espontâneo*, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 30-33. Tradução: Luis Carlos Borges. Reprodução autorizada pela editora.

de esperar do seu grupo, e que tem a natureza de um ato terapêutico, algo que não consegui em nenhuma de minhas duas longas análises, embora tenha conseguido muitas outras coisas. Não há dúvida alguma de que minha crítica à sra. Riviere não foi apenas uma crítica direta baseada na observação objetiva, mas também foi colorida pelo fato de ter sido exatamente nesse ponto que a análise dela fracassou comigo.

Pessoalmente, acho que é muito importante que seu trabalho seja reafirmado por pessoas que façam descobertas à sua própria maneira e que apresentem o que descobrem na sua própria linguagem. É apenas desse modo que a linguagem será mantida viva. Se você estipular que no futuro apenas a sua linguagem seja usada para a afirmação das descobertas de outras pessoas, então a linguagem se torna uma linguagem morta, como já se tornou na sociedade. Você ficaria surpresa com os gemidos e os suspiros que acompanham todas as reafirmações dos clichês sobre o objeto interno vindos daqueles que passarei a designar como kleinianos. Seus enunciados próprios, é claro, encontram-se numa categoria inteiramente diferente, já que se trata do seu trabalho pessoal, e todos apreciam que você tenha seu próprio modo de expressá-lo. O pior exemplo talvez tenha sido a dissertação de C, em que ele simplesmente ficou jogando de um lado para outro uma porção daquilo que veio a ser conhecido como as coisas de Klein, sem dar a menor impressão de possuir uma apreciação dos processos pessoais do paciente. A sensação foi de que se ele estivesse cultivando um narciso, pensaria estar fazendo um narciso a partir de um bulbo, e não capacitando o bulbo a se desenvolver num narciso através de tratos satisfatórios.

Você perceberá que estou preocupado com algo que considero mais importante que aquele meu

ensaio. Estou preocupado com essa estrutura que poderia ser chamada kleiniana, que acredito ser o real perigo para a difusão do seu trabalho. Suas idéias só viverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais, dentro e fora do movimento psicanalítico. É claro que é necessário para você ter um grupo no qual possa se sentir em casa. Todo trabalhador original precisa de um círculo seletivo, onde possa estar ao abrigo das controvérsias e no qual possa se sentir à vontade. O problema,

Suas idéias só
viverão se forem
redescobertas e
reformuladas: nada
pior que uma
linguagem morta.

porém, é que o círculo desenvolve um sistema baseado na defesa da posição conquistada pelo trabalhador original, neste caso, você mesma. Freud, creio eu, percebeu esse perigo. Você é a única que pode destruir essa linguagem chamada doutrina kleiniana e kleinianismo, e tudo isso com um objetivo construtivo. Se você não a destruir, então esse fenômeno artificialmente integrado tem de ser atacado destrutivamente. Ele convida ao ataque e, como tentei assinalar, a infeliz sentença² da introdução, em todos os outros sentidos excelente, da sra.

Riviere, coloca a questão em termos que podem ser citados por pessoas que não são necessariamente inimigos de suas idéias, mas inimigos de sistemas. A frase da sra. Riviere, que acredito você mesma não goste, dá a impressão de que há um quebra-cabeças do qual existem todas as peças; o trabalho adicional consistirá apenas em juntá-las.

O fato é que a compreensão adicional, tal como a que você foi capaz de provocar através de seu trabalho, não nos leva a um estreitamento do campo de investigação; como você sabe, qualquer avanço no trabalho científico conquista um ponto de chegada numa nova plataforma, a partir da qual se pode sentir uma porção ainda maior do desconhecido. Seu trabalho nos fez perceber que as insanidades um dia serão compreendidas principalmente em termos psicológicos. Não é nenhuma desonra que a psicanálise, mesmo representada pelo seu principal expoente, que é você, não possa expressar claramente por que uma criança molha a cama ou por que fumamos; que a psicologia da delinquência ainda não tenha sido trabalhada na Sociedade porque faltam as pistas principais, que você escolha pacientes cuidadosamente para fins didáticos e também para o trabalho terapêutico.

Aqueles que conhecem extremamente bem seu trabalho têm, não obstante, suas falhas, inclusive suicídios.

Além disso, eu diria que um livro como o de Adrian Stokes³ mostra que ainda não é seguro analisar um poeta. A psicologia da criação artística e, portanto, da criatividade que impregna a vida em geral, não está explicada, mesmo que se estude toda a obra da senhora e a dos que a ajudam a explicar sua obra. Tudo isso é um grande estímulo, e qualquer um que tenha uma idéia é bem-vinda, e creio que seremos capazes de tolerar uma declaração inicial feita em termos pessoais. A declaração inicial é geralmente feita

da como atrito contra o estabelecido que é apresentada como método criativo.

Ele enfatiza que há uma distinção a ser feita: "Pessoalmente acho que é importante que seu trabalho seja reafirmado por pessoas que façam descobertas à sua própria maneira, e que apresentem o que descubrem na sua própria linguagem. É apenas deste modo que a linguagem será mantida viva". O que está em questão não é apenas o uso de clichês *entre analistas de um mesmo grupo*, que ele satiriza nas linhas que se seguem ("você

É no nível clínico que este método causa seu maior estrago. Winnicott menciona o trabalho do analista C, de tal modo preso a uma linguagem estereotipada, de cunho kleiniano, que não consegue ter ouvidos para apreciar "os processos pessoais do paciente". A relação analítica é usada para confirmar a identidade teórica do analista (e do grupo ao qual pertence), e não para que ele desenvolva *sua própria* forma de expressão a partir de suas capacidades ou incapacidades latentes. O modelo do bulbo que deve ser *capacitado a tornar-se nar-*

defesa da posição conquistada pelo trabalhador original, neste caso você mesma".

Percebe-se que, para Winnicott, o sistema desenvolvido pelo círculo é uma organização defensiva, portanto sintomática, destinada a manter "a posição conquistada pelo trabalhador original". Um sistema desse gênero, pela sua própria estrutura, tem a finalidade de demonstrar a universalidade e a completude das idéias do autor, qualidades que garantiriam "a posição conquistada". Estabelece-se uma vinculação entre o poder político e o poder esclarecedor do pensamento, vinculação que confunde o objeto com o seu continente, a pessoa do analista com a relação analítica e a transferência com o sujeito que a encarna.

Isto é distinguido por Winnicott das condições necessárias ao pensador para dar prosseguimento ao seu trabalho: um círculo receptivo, acolhedor, não querelante. Ao escrever que para elaborar suas descobertas um autor deve se manter "ao abrigo das controvérsias", Winnicott admite que ele necessita de um clima de recolhimento que o proteja, e ao seu pensar, de contestações e polêmicas *prematuras* que terminariam por coartar essa criação nascente: precisa de um *setting* para a criatividade. Nesse contexto, parece-me que o movimento para redescobrir e reformular se constitui no elemento central desse parágrafo ("suas idéias só viverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais"). É que "redescobrir" e "reformular" têm aqui o sentido de problematizar e refletir, de irritar e atritar, impedindo que a teoria (e a prática a ela vinculada) se torne uma doutrina acabada. O que se pretende é evitar que o bulbo se transforme *mecanicamente* numa flor previsível, é abrir caminho para que se atualizem possíveis virtualidades; "redescobrir" e "reformular" permite que se encare o bulbo não como "maque-

Winnicott critica o uso reducionista da linguagem, que retira a especificidade do novo e não suporta a diferença.

ficaria surpresa com os gemidos e suspiros que acompanham todas as reafirmações dos clichês ..."). Aqui Winnicott aponta basicamente para o uso reducionista da linguagem, erigido em método e instrumento nivelador que retira a especificidade do novo, que não suporta a diferença. Este é o método que foi aplicado por Paula Heimann (mencionada nos parágrafos finais da carta), na apresentação do trabalho de Rowley e ao uso da palavra *conluio*, transformando ambos em produções desvitalizadas ao estipular que apenas *uma* (de Melanie Klein) "linguagem seja usada para afirmação das descobertas de outras pessoas".

ciso é, como veremos, particularmente emblemático do pensamento winnicottiano.²

Winnicott prossegue diagnosticando mais graficamente o que vê como desvio do método: "Suas idéias só viverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais, dentro e fora do movimento analítico. É claro que é necessário para você ter um grupo no qual possa se sentir em casa. Todo trabalhador original precisa de um círculo seletivo, onde possa estar ao abrigo de controvérsias e no qual possa se sentir à vontade. O problema porém é que o círculo desenvolve um sistema baseado na

te" da flor, mas como possibilidade e disposição para flor. A inelutável identificação com um autor, com sua teoria, com seu grupo, é um meio e não um fim.

Em consonância com a ênfase na necessidade de redescobrir e reformular o pensamento original, Winnicott descreve sua concepção da dinâmica que deve estar presente na forma produtiva de trabalho analítico: "A compreensão adicional, tal como a que você foi capaz de provocar através do seu trabalho, não nos leva a um estreitamento do campo de investigação; como você sabe, qualquer avanço no trabalho científico conquista um ponto de chegada numa nova plataforma, a partir da qual se pode sentir uma porção ainda maior do desconhecido". Um avanço nos conduz pois a uma nova plataforma, a partir da qual nossa percepção se amplia porque abre o campo visual para o desconhecido. Não ocorre necessariamente a correção de uma visão até então distorcida, mas sim a possibilidade de contacto com áreas psíquicas que não eram passíveis de serem atingidas a partir do nível anterior: sobe-se de patamar.

Winnicott chama a atenção para um dos obstáculos que este avanço enfrenta: "... qualquer um que tenha uma idéia é bem-vindo, e creio que seremos capazes de tolerar uma declaração inicial feita em termos pessoais. A declaração inicial é geralmente feita a grande custo e, durante certo tempo após ter sido feita, o homem ou a mulher que fez esse trabalho encontra-se num estado sensível, já que está pessoalmente envolvido". Fica claro que a "declaração inicial" é fruto do envolvimento pessoal do sujeito (com a idéia e consigo mesmo), o que tem como consequência deixar a pessoa "num estado sensível". (O esforço aqui descrito para formular-se a declaração inicial se sobrepõe à imagem da caminhada em direção a um novo patamar ou à sua procura). Um sistema doutrinário entre-

tanto opera corroborando apenas suas próprias afirmações e premissas, e portanto não mobilizando novos pontos de vista. Ele se vale da fragilidade do sujeito - "do estado sensível" transferencial - e o seduz, oferecendo-lhe uma via segura, estabelecida, que o desvia da possibilidade de empreender um percurso original. Essa diferenciação entre risco de caminhada para alcançar um patamar e oferta de via conhecida é recolocada com clareza quando, contrariando a afirmação de Melanie Klein, Winnicott afirma

ta se priva da sua liberdade de pensar e transmuta-se num entusiasta de doutrina, fazendo de sua atividade uma mera defesa e afirmação dos cânones que esposa e não da função analítica da qual é depositário. O fracasso se dá num contexto onde não cabe nenhuma "declaração inicial feita em termos pessoais". Para manter esse clima emprega-se uma estratégia variada: Winnicott já havia, como exemplo da mesma, mencionado a restrição de linguagem - sob pretexto de cientificidade - e cita agora um gê-

A identificação com um autor, com sua teoria, com seu grupo, é um meio e não um fim.

que D seria capaz de fazer uma boa análise. Isto se compreende porque para Winnicott a análise não seria avaliada pelas "coisas erradas"³ feitas por D nem por suas omissões, mas pela oportunidade que este analista D daria ao seu paciente E "de ser criativo no enquadramento regular e ...[de ser] capaz de se desenvolver de um modo que não lhe seria possível sem análise".

Este parece ser pois o ponto central da argumentação de Winnicott: uma análise (e implicitamente a formação e a transmissão) fracassa quando "o paciente não tem liberdade para se desenvolver ou criar na análise", isto é, quando o analis-

nero específico de isolamento ("você tende a perder contato com outros que estão fazendo um bom trabalho, mas que por acaso não caíram sob sua influência"). Não se trata desta vez do isolamento necessário a "todo trabalhador original" que "precisa de um círculo seletivo ... no qual possa se sentir a vontade". É o isolamento apoiado no anátema lançado contra os que, não se deixando *moldar* pela doutrina do autor, tentam pensar *a partir* dela: portanto um isolamento de caráter paranóico.

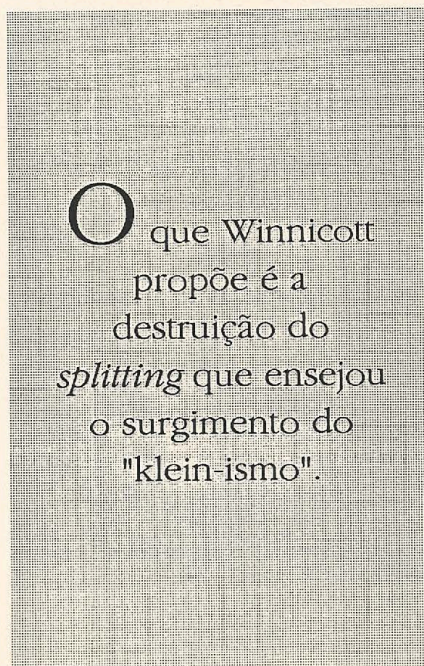
A carta termina com um comentário banalizante seguido de um desabafo pessoal. O primeiro

emerge “dos relacionamentos das partes das personalidades da criança uma com a outra na realidade psíquica, na medida em que elas estão em competição ou oposição (“defiance”) com os objetos internos, com as figuras parentais...”⁷. Meltzer classifica esse modelo como teológico, acentuando que as figuras parentais são vistas como deuses, não porque se creia nelas mas, porque elas desempenham *funções* de caráter divino. Evidentemente Winnicott não está discutindo na carta diferenças conceituais a respeito da compreensão das relações primitivas de objeto e de seus desdobramentos na apreensão do desenvolvimento psíquico da criança e na estruturação da relação analítica. O que ele critica é o surgimento de um gênero de perversão: os objetos estão deixando de ter *funções* divinas, nas quais se *precisa* confiar e se apresentam como verdadeiros deuses que devem ser seguidos, como objetos de culto.

Portanto, as próprias teorias desenvolvidas por Melanie Klein permitem compreender como essa distorção, essa transformação em “ismo”, pode ocorrer. Em 1946, Melanie Klein, descreve os mecanismos de ex-cisão e identificação projetiva, isto é, mecanismos que expõem “as maneiras como a mente destroi sua própria unidade primitiva”⁸. Esses mecanismos implicam que uma pessoa “vive vidas múltiplas em maior ou menor harmonia uma com a outra”⁹. Winnicott, ao elogiar por um lado Melanie Klein dizendo que “do fundo do coração... você é a melhor analista, assim como a mais criativa do movimento analítico”, e ao criticar acerbamente a transformação das teorias kleinianas em uma *Weltanschauung* e em uma forma de coerção ligada à política de poder psicanalítico, está apontando para uma ex-cisão que cria dois mundos disarmônicos que se exprimem através de linguagens diferentes, geradoras de paradoxos. Assim,

em sua carta o que Winnicott está realmente propondo (“você é a única que pode destruir...[o] kleinianismo, e tudo com um objetivo construtivo”) é a destruição do *splitting* que ensejou o surgimento do “klein-ismo”. Sua sugestão é que Melanie Klein adote *na transmissão de suas teorias, no seu trabalho de formação*, uma postura ancorada na posição depressiva, em oposição à esquizo-paranóide que estaria vigindo. Winnicott urge Melanie Klein a confiar em seus próprios deuses, nos seus próprios valores.

Afinal, qual a questão que a carta de Winnicott levanta? Por que



nos atinge tanto o fracasso da formação? Qual o elemento que ele deseja problematizar, já que, como escrevemos, seu alvo não é a teoria kleiniana como tal?

O fracasso da formação só se torna contundente na medida em que representa, não uma mera traição, mas a *traição negada* dos princípios que deviam regê-la. O fracasso não se prende aos erros do analista, nem sequer à sua “neurose”. Ele reside na alienação do analista quando a sua prática nega o

que seu discurso afirma (...e vice-versa). O que espanta o observador é a situação paradoxal criada por uma enunciação onde os princípios veiculados pelo discurso são pervertidos já na concomitância de sua formulação¹⁰. O que Winnicott faz na carta é apontar para a falha estrutural de toda formação analítica: sua contingência humana.

Poder-se-ia então perguntar por que não se abandona a idéia de formação. É que esta se vincula ao estatuto particular da psicanálise: não podendo ser encarada como ciência nem como arte, devemos considerá-la uma *prática* singular. Um aspecto dessa singularidade reside no fato de que a apreensão do significado da psicanálise só se realiza quando o sujeito tiver a experiência do objeto que deseja apreender, isto é, quando ele se tornar um elo na cadeia de transmissão, quando se tornar sujeito de transferência.

Questionada sobre sua precariedade, a formação nos responderá candidamente que não há por que qualificá-la, na medida em que é preciso tomá-la apenas como útil e necessária à continuidade da psicanálise.

NOTAS

1. Resposta aliás de caráter emblemático, não restrita à corrente kleiniana.
2. Aqui há uma falha na tradução: o original em inglês fala em oferecer ao bulbo “good enough nurture”, que foi traduzido por “tratos satisfatórios”; eludindo assim a noção de “suficientemente bom”, conceito básico da teorização winnicotiana.
3. Winnicott lembra que mesmo “aqueles que conhecem profundamente o trabalho de Melanie Klein têm, não obstante seus fracassos, inclusive suicídios” (preferimos traduzir “failure”, no original, por fracasso, ao invés de “falha” como esta na presente tradução).
4. Etchegoyen sugere que essa função inicial dos cuidados maternos seria “isomórfica” com a função do analista. Cf. *Fundamentos da Técnica Analítica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987, p. 114.
5. Bick, E. (1968) - “The Experience of Skin in Early Object Relations”, *Int. J. Psycho-Anal.* 49, p. 484-486.
6. “The Klein - Bion Expansion of Freud’s Metapsychology”, in *Dream-Life*, Londres, Clunie Press, s.d.
7. Id. ib.
8. Id. ib.
9. Id. ib.
10. Que essa Gestalt depois se institucionalize é, para o que agora estamos abordando, secundário.